

REQUERIMENTO DE INFORMAÇÃO N. /2016.
(Da Senhora Tia Eron)

Solicita que seja enviado ao Diretor Geral da Polícia Federal, por intermédio do Ministro da Justiça, pedido de informações referente à abordagem realizada por agentes da Polícia Federal, ao senhor Reverendo Joel Mbongi Kuvuna, no aeroporto Salgado Filho/Porto Alegre.

Senhor Presidente:

Requeiro a Vossa Excelência, com base no art. 50 da Constituição Federal e na forma do art. 24, V, c/c os arts. 115 e 116 do Regimento Interno, sejam solicitadas, por intermédio do Ministro da Justiça, Senhor Alexandre de Moraes, informações ao Sr. Leandro Daiello Coimbra, Diretor da Polícia Federal, acerca da abordagem feita por agentes da Polícia Federal, ao Senhor Joel Mbongi Kuvuna, no dia 21 de outubro de 2016, no Aeroporto Salgado Filho, Porto Alegre/RS, cujo relato (vide anexo), foi dado conhecimento, pelo abordado, ao Senhor Embaixador do Brasil em Pretória, África do Sul.

Diante da gravidade dos fatos, requeiro sejam prestadas as seguintes informações:

1. A Direção da Polícia Federal tinha conhecimentos de tais fatos?
Se o tinha, quais as providencias foram tomadas?
2. Os agentes envolvidos na abordagem registraram o caso perante aos seus superiores? Se positivo, queira-nos enviar cópia do documento.

3. A abordagem foi um procedimento de rotina ou havia fundada suspeita sobre a figura do Senhor Joel Mbongi Kuvuna?
4. A forma como foi descrita, a abordagem segue um padrão comum? Senão, qual foi a motivação de tais policiais não estarem uniformizados, não terem se identificado e terem agido com tanta truculência?
5. É inegável, pelo relato do abordado, que a abordagem foi abusiva e desrespeitosa no que tange à dignidade da pessoa humana. O que justifica tal procedimento?
6. Esta Direção já ofertou ao efetivo da Polícia Federal curso de Direitos Humanos e de respeito à diversidade étnica e cultural?
7. Como a questão do Racismo e da Discriminação Racial são tratados internamente entre os efetivos da corporação?

JUSTIFICAÇÃO

A correspondência do Senhor Joel Mbongi Kuvuna, enviada ao Embaixador do Brasil em Pretória, África do Sul, contém graves acusações de violação aos direitos humanos e ao princípio da dignidade da pessoa humana, sabidamente fundamentos angulares da Constituição Federal, que enseja, sem que antes seja feita rigorosa apuração, um viés racista, que deve ser extirpado da corporação e de toda sociedade brasileira.

O episódio, que agora deve estar correndo o mundo, depõe contra o Estado brasileiro perante a opinião internacional, eis que violador de princípios mezinho já consagrados, repito, na Carta Maior do Brasil e em vários instrumentos do Direito Internacional do qual o Brasil é signatário e ratificador.

Entendemos que tal episódio não pode transcorrer sem uma séria investigação, para que ao final, se comprovada, submeter tais agentes ao rigor da lei, como exemplo de o Brasil, para além da letra fria da norma, pugna por uma sociedade plural e solidária e pelo respeito às diferenças, seja ela de qual monta se apresenta.

Sala das Sessões, em de novembro de 2016.

Deputada Tia Eron.

ANEXO.

Reverendo Joel Mbongi Kuvuna

Estudante de Doutorado da Universidade de KwaZulu-Natal

Pietermaritzburg - África do Sul

joelkuvuna@gmail.com

Sua Excelência

O Embaixador

Embaixada Brasileira em Pretória - África do Sul

25 de novembro de 2016

Cópia:

Vice-Reitor das Faculdades EST, Brasil

Universidade de KwaZulu-Natal, África do Sul

Union Theological Seminary, Estados Unidos

Universidade de Oslo, Noruega

Embaixada da República Democrática do Congo no Brasil

Embaixada do Brasil na República Democrática do Congo

Secretaria de Direitos Humanos no Brasil

Departamento da Polícia Federal do Brasil de Porto Alegre

Prezado Senhor

Episódio de Racismo ocorrido em Porto Alegre

Meu nome é Reverendo Joel Mbongi Kuvuna. Sou natural da República Democrática do Congo, estudante de doutorado na Universidade de KwaZulu-Natal na África do Sul e pastor da Igreja Protestante.

Lhe escrevo para expor o tratamento desumano que fui exposto em 21 de outubro de 2016, ao término do Seminário Internacional ocorrido em São Leopoldo, no Brasil. O encontro, intitulado “On becoming human-impacting communities: Gender-Race-Politics”, recebeu participantes das

Faculdades EST (Brasil), Union Theological Seminary (EUA), University of Oslo, (Noruega) e University of KwaZulu-Natal (UKZN - África do Sul).

Quando retornávamos às nossas cidades de origem através do aeroporto Salgado Filho, de Porto Alegre, por volta de 17h, fui cruelmente humilhado pelo Departamento da Polícia Federal de Porto Alegre. Quatro policiais sem uniforme militar, mas fortemente armados, vieram na nossa direção extremamente furiosos e nos retiraram do setor de embarque: dois professores e dois alunos norte-americanos e eu, logo após o check-in. Nesse instante nos retiraram os passaportes violentamente, sem qualquer explicação, ordenando que os seguisse; Nos instalaram em seu gabinete, onde insistiram que meus colegas norte-americanos me deixassem sozinho em uma sala separada. Neste momento finalmente entendi que eu seria o alvo do episódio. Mas o que eu havia feito de errado? Minha única falha seria a de ser negro e portar um passaporte africano.

Quando meus colegas saíram da sala, os agentes abriram minhas bagagens e espalharam meus pertences, sem que eu pudesse perguntar o que havia de errado, dizendo apenas que eu ficasse calado. Fiquei traumatizado pelo ocorrido, pois eles demonstraram claramente seu desdém por mim enquanto verificavam minha bagagens. Quando um dos agentes encontraram minha loção, disse com desdém: "African lotion!".

Então chamaram seu cachorro para me farejar. Ao não encontrar nada, me obrigaram a tirar toda a minha roupa e o forçaram a me farejar mais três vezes. Quanto mais os agentes não confirmavam sua expectativa, mais furiosos ficavam. Finalmente, após confirmar a inexistência de qualquer irregularidade, nada foi explicado a respeito do que estava sendo procurado e qualquer pedido de desculpas foi feito. Eles apenas disseram para que eu recolhesse as minhas coisas e saísse. Eu chorei como nunca antes, desde que me tornei adulto.

Por que fui tratado de modo desumano, como um animal, mantido em custódia, enquanto meus colegas me aguardavam do lado de fora? Ao perguntarmos que lei havíamos desrespeitado, um dos agentes respondeu "se vocês resistirem, nós queremos mostrar que estamos no Brasil".

Eu tenho apenas uma hipótese para isso: quando os agentes viram os passaportes dos meus colegas, os retiraram imediatamente para que me esperassem do lado de fora. Meu tratamento foi em função da minha cor e minha origem. Sou africano e negro e espero uma explicação sobre o que fizeram comigo, pois mereço respeito como ser humano. A cor da minha pele não pode ser

a razão para me denegrir. Foi uma conduta vergonhosa do Departamento da Polícia Federal de Porto Alegre.

Espero então uma explicação pelo que foi feito, pois as pessoas precisam ser tratadas com respeito. Todos os seres humanos precisam ser tratados dignamente. Os agentes sabiam que eu sou um aluno de doutorado e um reverendo. Eu estava nu diante dos policiais, mas eles não estavam preocupados com isso. Fui farejado pelo seu cachorro, e tudo isso por causa da minha cor e minha origem.

Se queremos um mundo melhor, precisamos banir a violência e a opressão, tratarmos as pessoas com respeito, considerando que têm direito à dignidade, grande valor e potencial de fazer deste mundo um lugar melhor.

Minha razão de escrevê-lo foi para informá-lo acerca desse evento, e reside na esperança que o senhor acolha minha reclamação e leve até a polícia que me tratou dessa forma, para que tenham consciência da dor que provocaram em seu vergonhoso tratamento. Confio que a minha demanda será considerada e minha voz ouvida.

Peço ainda atenção às cartas das Instituições parceiras, que organizaram o presente evento (Union Theological Seminary, dos Estados Unidos e Faculdades EST, no Brasil), anexadas ao presente relato.

Saudações

Reverendo Joel Kuvuna